

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trím. 9 n.º	N.º A entrega	32.º Anno — XXXII Volume — N.º 1109	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Anuário Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	9650	5120	20 de Outubro de 1909	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro e India.....	3\$600	2\$500	—	—		

CHRONICA OCCIDENTAL

Um dos grandes males sociais da Hespanha é a absoluta confiança que todo o hespanhol deposita na Virgem.

Nunca se deve tomar por critica deprimente para o caracter d'um individuo ou d'um povo aquella que a um ou ao outro aponta, como intransigencia de rotina, primitivas qualidades não mudadas e intactas.

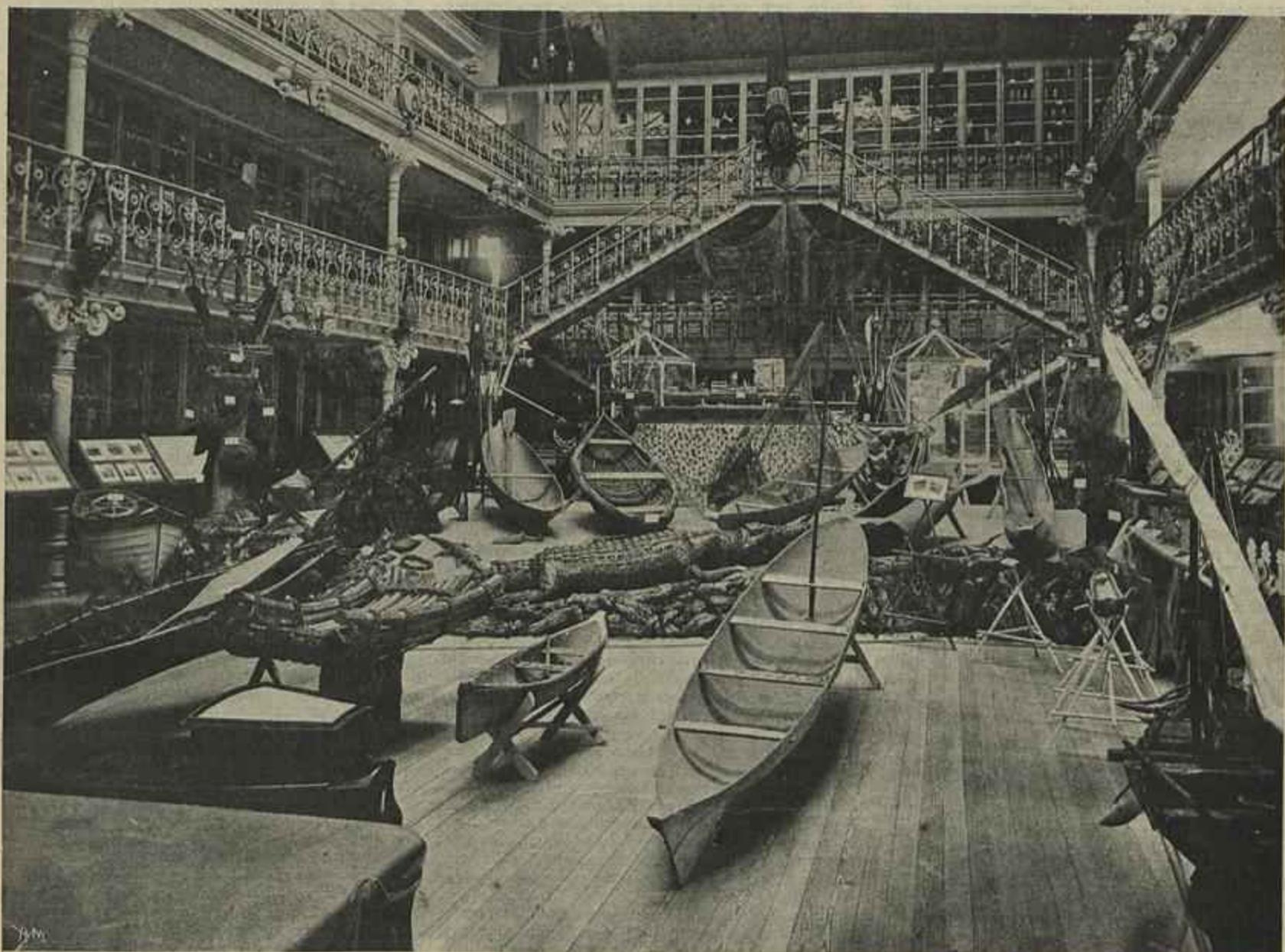
A Hespanha ainda hoje, a despeito da sua descendencia mais ou menos completa e harmo-

nica com toda a idéa moderna de sciencia, de arte, de industria, e que justamente lhe dá esse duplo interessante aspecto da tradição assimilando o progresso e do progresso respeitando a tradição, realisa um tipo bem raro e bem acentuado da alma d'outros tempos.

A respeito do caracter e dos costumes hespanhoes andam de pé idéas bastante equivocadas. A Hespanha é ainda, para muitos, o país dos touros, das navalhas de palmo e meio, e das castanholas; a terra classica do imprevisito, exagerado nos seus aspectos pitorescos por viajantes que, á semelhança do pae Dumas e de Merimée, por lá resumiram as suas vistas, de fugida, ao espectáculo de uma corrida, a alguma historia sangrenta

de ciumes entre sevilhanos, e a uma jota navarra ou aragonêsa.

Terra de imprevisito é a Hespanha, sem duvida, mas d'um outro imprevisito, bem mais diverso e bem mais profundo, para quem se disponha a olhar nella, com olhos de ver, no movimento dos espiritos, na contrariedade das paixões, na sinuosidade dos incidentes, na exaltação dos fanatismos, quanto ha de grande e de exotico, de glorioso e de burlesco, de extraordinario e de incrível; e depois, e segundo as latitudes, que confusão de orgulhosa fidalguia, de altivez democratica, de fé catholica, de paixões acres, de energia barbara, de imaginação intensa! Basta recordar como, em menos de tres seculos, ella conheceu e expe-



A EXPOSIÇÃO, NA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA, DE MEIOS DE TRANSPORTE MARITIMOS E TERRESTRES USADOS NAS COLONIAS PORTUGUEZAS

(Cliché Benoliel)

rimentou as instituições políticas mais opostas, e como por aquelle povo têm passado, em sucessivas fases, a liberdade e o despotismo, o progresso e a decadência, a barbarie e a civilização.

Lembre-mos de como a Hespanha dominou a Europa, por onde passaram os seus exercitos triunfantes, impondo-se pela força das suas armas, pelo valor dos seus generaes, pelo denodo dos chefes da sua marinha: lembremo-nos de como ao seu jugo se curvaram a Hollanda e a Belgica, a Italia quasi inteira, parte da França e da Allemanha, terras da Africa, da Asia e da America, chegando ella ao desplante de afirmar que o proprio sol, por muito e por mais que andasse, nunca desapareceria na volta de todos os seus dominios!

Lembre-mos ainda, quando extinta a dinastia nacional, succedendo-lhe no trono a dinastia austriaca, e desde então até este seculo, como a Hespanha passou da liberdade para o absolutismo, e como o seu povo, que d'antes dizia ao rei quando, nas cortes de Aragão, lhe confiava a côroa: «Olha tu bem que cada um de nós vale tanto como tu, e se tu não souberes respeitar os nossos fóros, comnosco te hás de haver...» esse mesmo povo se viu dominado, aviltado pelo rei, pela inquisição, pelo clero...

Isto vem a proposito, está bem visto, dos acontecimentos de Barcelona, com os quaes se prende o fusilamento de Ferrer. A chronica tem de ser desapassionada, e não pôde ser facciosa. Deixar de falar nesses acontecimentos, reconhecida a importancia mundial que elles têm, o mesmo seria que fazer côro — vá lá o paradoxo — com os que a tal respeito sistematicamente se calam, no medo de se comprometerem.

Atribue-se a toda a Hespanha, pretende-se attribuir a todo o povo hespanhol, e chega-se a querer attribuir a cada hespanhol e até a cada hespanhola em particular, a responsabilidade da morte de Ferrer. Ninguem ignora o que tem sido o protesto universal contra o julgamento e a execução do grande propagandista das chamadas idéas avançadas, e até que pontos extremos se leva um tal protesto: os tumultos, as luctas á mão armada, as bombas de dinamite, o *boycotage* aos productos commerciaes da Hespanha. E dir-se ia que, nem por um momento de lucidez, nem por um segundo de ponderação, se medita nisto: que o país ao qual se quer incriminar de um tal crime (que outra coisa, de facto, não parece ter sido a morte de Ferrer) está precisamente colaborando na imensa obra denominada de regeneração social, e nella colaborando por um modo, e com uma efficacia, que deixam a perder de vista tudo quanto outros dos países que tanto protestam até agora tem feito em identicos intuitos.

Immediatamente á *semana tragica* de Barcelona, os senadores e deputados regionalistas catalães publicaram um manifesto em que começavam por estas textuaes palavras:

«Seria enganarmo-nos a nós mesmos e enganar o nosso povo, se toda a culpa do occorrido a atribuíssemos aos factores directos que prepararam e realisaram a revolta. E' preciso que o organismo social esteja imbebedo d'um espirito de paixão e rodeado d'um ambiente de revolta, para que os elementos de destruição social possam actuar com a força e a extensão como o têm feito ultimamente na nossa terra.

O ambiente tinha chegado a uma saturação de radicalismo protestatario: de alto a baixo, das massas populares ás classes directoras, da demagogia vermelha até á demagogia branca, tinha-se creado uma atmosfera de protesto, de intransigencia, de sectarismo...»

Explicando mais detidamente a preparação do movimento revolucionario, nesse mesmo manifesto se dizia:

«A obra de prevariação (?) moral das massas começava nas escolas das associações politicas: nellas, durante annos, instruiu-se a juventude operaria com livros, nos quaes vibravam todos os odios e preconisavam-se todas as violencias. E no *meeting*, por bocca dos oradores que melhor encarnavam o sentido radical, e no repouso da officina ou do casino pela leitura da sua imprensa, completava-se a educação iniciada na Escola... E á sugestão das palavras seguia a sugestão dos factos que iam completando a educação radical; seguia a greve geral, a perturbação dos comícios...»

Depois, mostrando-se a amplitude que o movimento revolucionario tomara, acrescentava-se:

«E se na intelligencia d'esses homens (os proletrios) se produzia a duvida, a vacillação sobre

a veracidade d'essas doutrinas, sobre a legitimidade d'esses processos, apagava-se logo ao ver que ao pé dos que lhe offereciam esse pão espirital, dos que decretavam esses programas, agrupavam-se já permanentemente nas suas organizações politicas, já temporariamente nos actos mais decisivos da vida cidadina, clérigos e militares, e juizes, industriaes e potentados, num plebiscito eloquentissimo, tanto mais eloquente, quanto mais livremente, espontaneamente o formulavam contra os seus proprios interesses.»

Nos livros destinados á instrução das multidões que enchiam as escolas da feição moderna ensinava-se — querem saber o quê? — que a base fundamental da existencia de privilegiados e desherdados, culpavel de todas as injustiças que soffrem os homens, é a crença n'um poder sobrenatural, Deus, e as suas relações com os homens por meio dos sacerdotes (religião, egreja); que os padres são creaturas negras mais perigosas do que as feras, porque envenenam os homens desde a infancia, para os dominar toda a vida; que os que organisam e formam os exercitos são algozes da Humanidade; que a guerra empreendida para defender a honra da nação, é só na realidade pretexto para a espoliar e roubar...

Nos seus cadernos de themas, os alumnos d'essas escolas escreviam por exemplo:

«As corridas de touros são actos selvagens, em que muitas pessoas vão expôr a vida pelo gosto de poderem ganhar muito dinheiro. Esta gente tanto se lhe dá perder a vida, como não. São pessoas que não se instruíram como devia ser — muitas d'ellas não sabem o que é uma escola. Se fossem instruidos não matariam animaes.

«Numa corrida de touros ha tres especies de feras e uma unica victima. São feras os touros, os toureiros e o publico. São victimas os pobres cavallos que, cansados de produzir, são entregues a uma morte affrontosa. A chamada *festa nacional* é uma reminiscencia das festas dos antigos circos, em que os senhores feudaes, para entretenimento seu, faziam matar os indefezos escravos. Hoje, os tempos mudaram. Não podendo regar a arena com sangue humano exclusivamente, o publico satisfaz-se com o sangue dos cavallos, cujas tripas fumegantes, arrastadas pela terra, dão pasto ao contentamento dos imbecis e estupidos, que pagam caro um prazer de malvados.»

Sabido isto, occorre perguntar: não será um contra-senso da multidão universal o clamôr da injuria que de todos os lados da terra civilizada se está ouvindo contra a Hespanha? Pois não se enfileirou porventura a Hespanha com aquelles que mais convicta e denodadamente, e mais esforçadamente, têm preparado e vão realisando a revolução social?

JOÃO PRUDENCIO.

Uma exposição colonial na Sociedade de Geographia de Lisboa

Tem estado patente na sala *Portugal* da Sociedade de Geographia de Lisboa, uma exposição interessantissima, a qual está atraindo o publico, sempre ávido de curiosidades. E' uma exposição de meios de transportes maritimos e terrestres nas nossas colonias, e de utensilios de pesca usados na costa occidental e oriental da Africa, India e Timor, o que tudo dá conhecimento dos usos daquelles povos.

O que tem de mais curioso é esses usos serem todos primitivos, sem que nelles tenha entrado qualquer parcela de progresso, vendo-se apenas um ou outro modelo de barco a vapor, mas de forma especial.

Começando por apreciar alguns transportes terrestres, encontram-se modelos curiosissimos, principiando pelas *machilas* de varios sistemas, alguns que desconheciamos, pois o mais vulgar é uma rede em que o viajante vae deitado, suspenso em uma cana grossa de bambu, conduzida em cada extremidade sobre os hombros de dois carregadores, como se pratica nas nossas colonias de Africa, de Timor, da Oceania, na India e até na ilha da Madeira; mas nesta exposição vêem-se cadeiras-palanquins, para se ir deitado ou sentado, cobertos por toldos, e que são conduzidos pelo mesmo sistema das *machilas*. Alguns destes modelos são luxosos, de madeira polida, com entalhes e recortes de fantasia, de muita originalidade, estofados de sedas de uma riqueza oriental,

principalmente os usados na India e na colonia de Macau. Outros são de verga, e de palhinha, mais modestos, mas de certa elegancia, com seus toldos de oleado para a chuva.

Modelos de liteiras ou cadeirinhas, para uma e duas pessoas, vendo-se um modelo para dois passageiros, que oferece ampla e boa comodidade, a par de riqueza de seus ornamentos e estofos almofadados de seda, como qualquer carruagem rica.

Estas liteiras ou cadeirinhas são usadas em Macau para as pessoas de representação passearem e fazerem suas visitas.

Vêem-se ali modelos de carrinhos, dos usados na India, para condussão de um passageiro, tendo os varaes á retaguarda por onde o condutor o empurra á mão. Modelo de carros tambem para transporte de pessoas, tirados por bois, como os antigos carriões. Carros para condução de creanças, e o modelo de um carro funerario dos que se usam em Timor, assás curioso. Este carro consta de um estrado de madeira assente sobre quatro rodas de pequeno diametro, pelo que anda muito rente do solo, o estrado é guarnecido de uma especie de balaustrada tambem de madeira, e ao centro é que se levanta como que uma caixa de certa altura, que abre pela frente e onde é condussido o feretro; por sobre a caixa elevam-se uns ornamentos que, reunidos ao centro, sustentam uma especie de corôa ornamental, vendendo-se por baixo da corôa uma figura de grosseira e ingenua escultura. O carro é todo pintarolado de côres vivas e irreconciliaveis, e tem na frente duas grossas cordas por onde o pucham a braços, como os nossos carros das bombas. O espaço que o carro tem entre a balaustrada que o guarnece e a camara em que vae o feretro, costuma ir cheio das ofertas que os amigos e parentes do defunto lhe fazem, ou sejam galinhas, frutas, vasos com vinho de caju, etc., e que lhe deitam depois na sepultura.

Os meios de transporte maritimo não são menos interessantes desde as simples jangadas de bambu e corda de palmeira, usadas pelos indigenas de Moçambique para atravessarem os rios, as canôas elementares vasadas num só tronco de arvore, as almadias, até aos barcos de mar, como pangaios, tonas, da India, as *larchas*, de Macau, os tancás, tripulados por mulheres, denominadas *tmcareiras*, e por fim as casas fluviaes chinezas.

Alguns dos barcos simples são autenticos e dos outros apresentam-se modelos como, por exemplo, das casas fluviaes chinezas muito interessantes. Estas casas tem a apparencia de gaiolas, flutuando sobre as aguas. Sobre o casco do barco é construido um salão envidraçado de côres, o tecto do salão fórma a tolda em que são postos vasos de flores formando jardim, o mesmo se vê no castello de prôa e na pôpa. De noite, estes barcos iluminados lá dentro, produzem fantastico efeito vistos de fóra, pelo variegado das côres da luz atravez dos vidros coloridos. E' nestas casas fluviaes, vedadas á entrada dos europeus, que os gran-senhores chins fazem as suas orgiasinhas...

Outro modelo é o do barco *Pavão* de que se servem os ricos senhores e nobres de Bengala. Este barco assemelha-se á fórma de bergantim, com sua camara á pôpa, com um pavilhão de tecto e cortinaes de veludo bordados a ouro, em que vae o senhor e seus convivas, todos sentados em almofadas, á mo-ja oriental, e ali tomam suas refeições de refrescos, fructas e dôces, preparados em uma copa contigua á camara ou pavilhão. Quarenta remadores dirigidos por um patrão fazem deslizar o barco no rio.

Vêem-se tambem os classicos barcos chinezes, de velas de junco, artilhados como os primitivos vasos de guerra que ainda por lá se usam, mas que irão perdendo o seu reinado, porque a China parece querer seguir na esteira do Japão...

A exposição de instrumentos de pesca é tambem interessante, figurando nella as redes, armadilhas, linhas e anzoes, pesqueiros, físgas, arpões, estanca rios, etc., tudo exemplificado num quadro em vulto, disposto no meio da sala, onde se fórma um trecho de rio com agua e peixinhos, com sua praia e ponte rustica, casa indigena de folhas de palmeira, cubata, tudo suspenso sobre estacas de madeira, como é de uso, por causa da formiga, reptis e outra bicharada, não faltando as palissadas e amostras de vegetação indigena.

Vê-se ainda noutro ponto da sala, formada uma praia onde encalham as canôas, a que já nos referimos, de companhia com um enorme corcodilo de mais de tres metros de comprido... embalsamado.

Fina'mente esta exposição é digna de ser visitada, e mostra quanto a Sociedade de Geographia de Lisboa se esforça para bem corresponder á sua missão educativa.

Viagem do Estado-Maior e visita do El-Rei a Leiria

Na segunda feira 11 do corrente foi Sua Magestade El-Rei D. Manuel a Leiria, assistir á conferencia militar do Estado-Maior depois da viagem que os seus officiaes realisaram por diferentes pontos estrategicos do país.

Essa visita deu causa a novas manifestações de simpatia e carinho dos povos a El-Rei, feitas por todas as terras por onde o comboio passou com o regio viajante.

Em Mafra foi a primeira estação onde o augusto chefe do Estado foi alvo daquellas manifestações na sua passagem, não só de todas as autoridades, que todas compareceram, mas do povo, que muito espontaneamente acorreu a saudalo.

A Mafra segue-se a Malveira onde tambem a passagem real foi saudada. Em Runa o comboio real era esperado por todo o estado-maior do Real Hospicio Militar e pelos veteranos albergados, dos quaes foram dois apresentados a El-Rei que os quiz conhecer. O soldado musico de 87 annos de idade, condecorado com a medalha de prata de comportamento exemplar, e que entrou na ação das linhas de Torres Vedras em 1846, e o cabo Francisco da Costa Pereira Jardim, tambem de 87 annos, o qual El-Rei ajudou a subir para o salão do comboio, por o velhinho mal se poder mecher.

O sr. D. Manuel abraçou os dois veteranos dirigindo-lhe palavras carinhosas, que muito os comoveram.

As senhoras de Runa receberam El-Rei com flores, sen lo oferecido a Sua Magestade um ramo com fitas de seda azul e branca pela familia do sr. Barros e Cunha.

Em Torres Vedras teve El-Rei recepção muito festiva por todas as autoridades da terra e grande concurso de povo que acudiu á estação e se prolongava pela linha fóra.

Egual recepção teve na sua passagem nas Caldas da Rainha, onde a gare estava completamente cheia de pessoas de mais representação da terra, além das autoridades que ali compareceram, sendo lida a El-Rei uma allocução pelo presidente da camara sr. Sangreman Henriques. A colonia de aquistas estava largamente representada, especialmente por senhoras que fizeram grandes ovações ao joven monarcha. Representaram-se tambem as associações Commercial e Industrial e outras operarias. As filarmônicas Caldense e de Santa Catarina tocaram o hino nacional, sendo levantados muitos vivas a El-Rei e a toda a familia real.

Em S. Martinho do Porto repetiram-se eguaes manifestações a Sua Magestade, sendo recebido por todas as pessoas de distincção e grande concurso de povo que, calorosamente aclamou El-Rei, enquanto uma banda tocava o hino nacional e no ar estrelavam os foguetes. No meio destas ovações foi oferecida pela sr.^a D. Paulina Jorge uma linda corda de flores naturaes a Sua Magestade.

Chegado o comboio real á estação do Valado, que serve a villa de Alcobaça, era ali aguardado por todo o elemento official da florescente villa e da Nazareth, grande numero de senhoras e povo das cercanias, que todos á porfia vinham saudar o chefe do Estado.

Na Marinha Grande repetiram-se as mesmas entusiasticas saudações a El-Rei, e o sr. Illydio de Carvalho leu uma mensagem de boas vindas que foi ao mesmo tempo uma affirmacão dos sentimentos monarchicos e patrioticos daquelle povo, terminando a mensagem por vivas a El-Rei D. Manuel II e á familia real.

Chega, enfim, o comboio real a Leiria, e logo na estação começam as aclamações a El-Rei, que era aguardado por todas as autoridades militares, civis e ecclesiasticas, corpo docente, Associação Commercial, de Bombeiros, administradores do concelho de Pombal, Pederneira, Figueiró dos Vinhos, e enorme concurso de povo da cidade e terras visinhas.

Uma banda toca o hino nacional, que se confunde com os ruidosos vivas levantados por toda a numerosa assistencia, a qual fórma o grande cortejo que acompanha o chefe do Estado ao entrar na cidade, onde a multidão abre alas á sua passagem.

Este cortejo seguiu até ao edificio do Governo Civil, onde fazia a guarda de honra uma força do regimento de infantaria 7 com a bandeira e banda militar. Sua Magestade era ali esperado pelos officiaes que fizeram parte da viagem do Estado-

Maior, comandantes da brigada e de infantaria 7 com seus respectivos officiaes, etc.

Na sala recebeu Sua Magestade os cumprimentos da camara municipal, juiz e todos os funcionarios forenses, autoridades civis e militares, officiaes do Estado-Maior, professorado e mais pessoas de representação, incluindo grande numero de senhoras.

A esta recepção segue-se o almoço no paço episcopal, e que foi de cem tallieres.

Depois do almoço, realisou-se a conferencia militar a que só assistiu El-Rei, o sr. ministro da guerra general Elvas Carneira, general Sebastião Telles e os officiaes do Estado Maior.

Terminada a conferencia, Sua Magestade dirigiu-se a visitar o quartel de infantaria 7, seguindo a pé por entre a grande multidão de povo que enchia as ruas e praças, e que calorosamente aclamava El-Rei, enquanto das janellas as senhoras lhe deitavam flores.

O sr. D. Manuel retirou-se de Leiria visivelmente satisfeito pela festiva e carinhosa recepção que os leirienses lhe fizeram, assim como pelas aclamações e provas de simpatia que recebeu em toda a sua curta viagem, das populações por onde passou.



CENTENARIO DA GUERRA PENINSULAR

O Marquez de La Romana

(Continuado do numero 1108)

5.^a A's declarações de guerra, tratados de paz, alliança, ou commercio, e quaesquer outros com potencias estrangeiras, precedera o voto das Côrtes, se estiverem congregadas: e se não estiverem, o da deputação do reino (que se nomeará), e dos ministros elegidos para esse fim, e conhecidos por sua sabedoria, experiencia, e talentos: e sómente no caso de imprevista, ou repentina invação, poderá dar o regente, ou conselho de regencia, como supremo chefe da nação, todas as providencias para a defeza, como se a guerra estivesse declarada com as formalidades referidas.

6.^a Conservará á representação nacional os direitos de que foi despojada pela violencia do poder; e como refundido nas côrtes, não poderá o regente, ou conselho de regencia sem consentimento, outorgar, e approvação d'ellas, impôr leis, nem contribuições, ou pessoaes, porém como nas actuaes circumstancias a salvação da patria pede que das providencias se passe logo á execução, poderá supprir-se o citado consentimento, outorga, ou approvação, por uma junta com o titulo de Deputação Permanente do Reino, que represente as côrtes até que se congreguem, composta de cinco individuos, e um procurador geral, que a Suprema Junta Geral nomeará, sem que obste serem ou não seus vogaes: porém sempre algum d'elles deverá ser escolhido entre os nossos irmãos da America, como parte integrante da nação, e legitimos filhos da mesma familia.

7.^a Não poderá o regente, ou conselho de regencia interromper as funcções aos deputados das côrtes, ou representantes da deputação permanente do reino, nem proceder contra elles em caso algum criminal, desde que forem nomeados até que terminem seus poderes: pois quando devam ser privados das suas funcções, as mesmas Côrtes ou deputados do reino designarão immediatamente juizes rectos para conhecerem d'esses crimes, e determinarem os processos, e penas conforme as leis: e quando não forem competentes nas causas, terão jurisdicção para declararem juridicamente se os delictos são certos e se existem provas sufficientes de merecerem, por delinquentes, que os entreguem á jurisdicção que lhe deve impôr o castigo.

Um dos primeiros cuidados do regente, ou conselho de regencia depois da defeza da patria, da expulsão dos inimigos, e da salvação da pessoa do rei, será adiantar os trabalhos que se fazem por disposição da suprema junta, para se formar a Constituição, congregadas as Côrtes.

A deputação permanente do reino, como orgão da voz nacional, cuidará da pontual observancia das condições, com que se nomear o governo provisional: e uma parte das suas principaes obrigações será a formação da nova constituição, não só para se concluir com a possível brevidade, mas para se executar com a maior perfeição, e utilidade de religião, do Rei e do Estado. Para que possa desempenhar este importante assumpto com o acerto e promptidão que convem, mandará o Regente, ou conselho de regencia, que se passem

para a deputação todos os trabalhos que produzirem a meditação e os conhecimentos das pessoas incumbidas de communicarem as suas ideias sobre a reforma e organização dos diferentes ramos da Monarchia.

A expressada interina constituição deverá ser communicada a todas as provincias e domínios da Hespanha e America, para o seu pontual cumprimento e para que sejam verificados seus justos desejos com um Governo legitimo, e com o que exigem as criticas circumstancias da Patria, a verdadeira representação do seu amado monarcha e os incontestaveis direitos da Nação.

A constituição que proponho não pôde satisfazer todas as attencões e desejos da Nação: mas se acatar a nossa independencia, acatarão com ella as esperanças de remediar os outros males. De nada servem reformas que se applicam a uma vida que não existe: porém a sua conservação deve ser hoje o unico objectivo dos nossos cuidados.

Entendo que o Governo não deve ser outro agora, porque o Senhor D. Fernando VII não é um rei desenthronado, nem imaginario, mas nosso verdadeiro e legitimo Monarcha, jurado, proclamado e obedecido por toda a Nação, e porque o fiel e virtuoso povo hespanhol nunca reclamou os direitos da soberania, que transferiu na instituição do Governo Monarchico, nem pretendeu mais que sustentar o throno do seu amado Rei, e restituir-lho com o maior esplendor. Estas razões, e a que todos temos de reconhecer só por auctoridade soberana a do nosso Rei, o Senhor D. Fernando VII, e por Governo o estabelecido pelas leis da monarchia, não consentem que eu vacille, apesar das reflexões contrarias de alguns Vogaes da Suprema Junta sobre a especie de Governo que deve reger-nos, o qual para ser reconhecido pelas Potencias Estrangeiras precisa ser legitimo, e para ser legitimo compôr-se de um Regente, ou conselho de regencia, que exercite a autoridade soberana.

Se liguei em alguns casos o poder supremo com a Nação não fiz mais do que resuscitar as principaes Constituições da monarchia Hespanhola, que engrandecerão seu poder, e que tem sido suffocadas pelo despotismo dos reis, e de seus ministros.

Emfim toda a minha attenção se dirige a que unicamente nos guiem, até á nova constituição, aquellas leis que livrarão os nossos antigos monarchas de privanças perigosas e lhe lembrarão que as suas paixões só deverião ter por alvo a felicidade dos povos. Não é um governo novo o que me tem suggerido os deveres que me impõem a religião, o Rei e a Patria nas circumstancias em que uma mão poderosa, perfida, astuta e tyrnica se empenha em arruinar tudo: de cuja idea se não apartará até ser vencido, ou até nas reduzir a impios e miseraveis escravos, e conduzir-nos a novas regiões, separados para sempre dos nossos amados lares.

Com um Governo pois tão reclamado por todos os votos da Nação, que longe de introduzir novidade restabelece a ordem e o nivel de que nos apartou o despotismo, que se funda fundado nas mesmas leis, cuja observancia juramos: que representa o legitimo soberano como se o tivéssemos na nossa presença: e que dimana dos nossos consentimentos, da submissão ao verdadeiro Deus, e das necessidades da nossa triste e perigosa situação, por ventura deverão temer-se consequencias funestas, e principalmente que appareça entre nós um aventureiro, que usurpe o throno do amado Fernando? Somos acaso francezes, ou uma nação que só tenha templos filosoficos, e por caracter a inconstancia?

E quaes serão os resultados de um Governo, que concentra todo o seu poder, que facilita as providencias, que não tem absoluta relação pessoal com os mesmos executores d'ellas, e que está desviado do interesse immediato d'aquelle que obedece? Estarão por ventura nossos exercitos tão faltos de forças e de subordinação, tão atrasados na instrucção militar, tão queixosos da desproporção dos postos, tão inchados de officiaes ignorantes e cobardes, tão desprovidos de viveres, tão irregularmente pagos, e tão faltos de commodidades? Serão generaes os preferidos pelo governo para lhe conservarem o poder soberano, ou os que souberem commandar e salvar a patria? Estarão reservados para meros symptomas de merito os logares que competem exclusivamente ao talento, sabedoria, virtude e patriotismo?

Os povos que n'estes ultimos tempos teem soffrido constantemente o pesar de verem desattendidas suas queixas, protegida a iniquidade, ultrajando a innocencia, abatida a inteireza dos magistrados, humilhada a auctoridade dos tribunales,

A viagem do Estado-Maior e Visita de S. M. El-Rei D. Manuel a Leiria



GRUPO DE S. M. EL-REI D. MANUEL COM O SR. MINISTRO DA GUERRA E OFICIAES DO ESTADO-MAIOR, EM LEIRIA

(Cliche Benoiel)

eas leis privadas da sua força pela ignorancia, incapacidade, favor, fraqueza e ambição, sómente obedecerão a magistrados, cuja reputação, luzes e costumes nos farão respeitar suas decisões, obedecendo com gosto aos mandatos de homens, que tem merecido por seculos inteiros o nome respeitavel de paes da patria: e as mesmas Juntas

das Provincias darão novas esperanças de futuros bens, se chegarem a ter bases verdadeiras, as que não se acham no logar que devem occupar.

A real fazenda será regulada por aquelle methodo que resgatou seus fundos das mãos dos malvados em que cahiram pela reforma: cessarão os roubos que se fazem na arrecadação: e

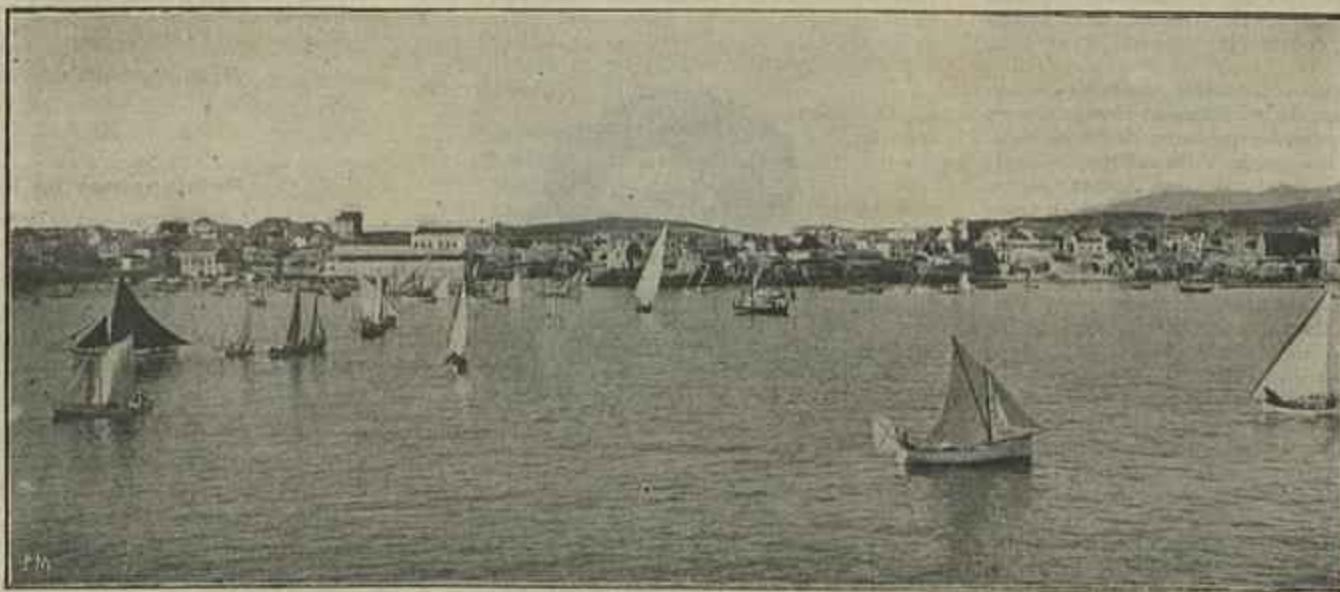
algumas regras que, sem degradarem a magestade da potencia hespanhola, prescreverem uma verdadeira economia em todos os ramos, augmentarão o patrimonio nacional, e os povos verão annualmente como se gastam as contribuições com que tem pago a divida mais religiosa e justa.

(Continúa)



UMA VISTA DA CIDADE DE LEIRIA

A Semana do Outomno de Cascaes — Regata e outras diversões de Desporto



UM ASPECTO DA BAHIA DE CASCAES NA OCASIÃO DA REGATA



CORRIDA DOS «YACHTS» DE RECREIO

Com a denominação de *Semana do Outomno*, inaugurou a colonia balnear de Cascaes umas diversões de desporto, cuja primeira teve lugar em 26 de setembro, a que nos referimos no numero anterior d'esta revista, e outra se realisou no domingo 10 do corrente, constando de corridas de barcos, de cuja organização se encarregou o Real Club Naval, com a competencia já provada em outras regatas.

A regata foi em honra de S. M. El-Rei D. Manuel, comodoro do Real Club Naval, e presidiu ás corridas S. A. o Infante D. Affonso, vice-comodoro.

O espetaculo foi dos mais bellos que se tem gosado naquella estação balnear, apresentando a bahia de Cascaes um aspéto encantador, sulcada por inumeros barcos, largando suas brancas velas ao vento que soprava de feição, num dia ameno de ceu azul limpido como só o ha no outomno.

Concorrência enorme de gente na praia e por todas as elevações a gosar o formoso espetaculo. A vista a perder-se pelo Oceano fóra, cujas preguiçosos ondas vinham quebrar-se sobre os rochedos da Boca do Inferno, espandando se em branca espuma.

Que soberbo quadro!

O programa abrangia: **Corridas de vela**, em que entraram *yachts* de banhistas de Cascaes e do Estoril; **Canôas da picada**; *yachts* com **armação latina** de 8 a 10 toneladas; *yachts* com **armação latina** de 6 a 7,5 toneladas; *yachts* com **armação latina** de 3 a 4 toneladas; **Pair-oars** tripula-

dos por socios do Real Club naval; **In-riggers** de 6 remos; **Corridas de canôas monotipos**; **Corridas de remos**; **Outriggers** de 4 remos (*seniors*).

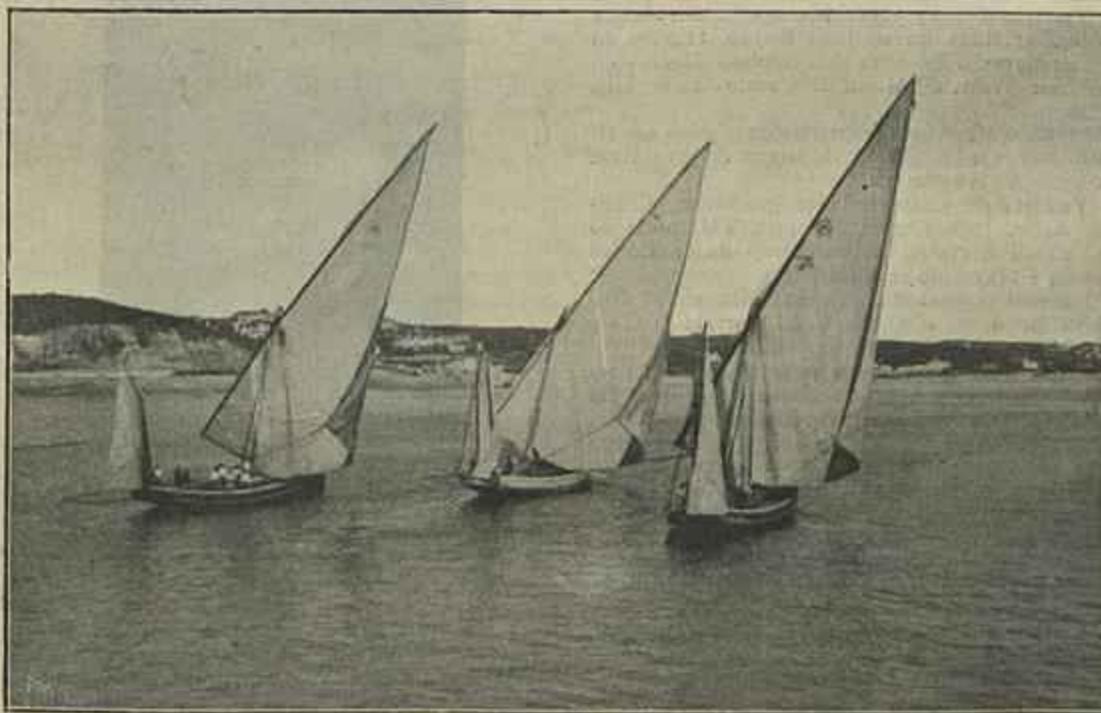
O júri conferiu os seguintes premios:

1.ª classe — primeiro premio, medalha de vermeil, á balieira «Venus», do sr. Gustavo Cabral; segundo premio, medalha de prata, á balieira «Luciana», do sr. Henrique Rollin. Correu tambem a «Betelguesse», do Club dos Aspirantes de Marinha.

2.ª classe — primeiro premio, medalha de vermeil, «Alleluia», do sr. J. F. de Mattos; segundo, medalha de prata, «Alforrecas», do sr. D. Jorge de Mello (Sabugosa); terceiro, medalha de prata, «Deus te guie», do sr. D. Antonio Borges de Medeiros (Praia); quarto, medalha de bronze, «Canôa Azul n.º 1», do sr. infante D. Affonso; quinto, medalha de bronze, «Guerrita», do sr. Eduardo F. Pinto Basto.

3.ª classe — primeiro premio, medalha de vermeil, «Andorinha», do sr. Jayme Thompson; segundo premio, medalha de prata, a canôa do «Lidador», da armada real. A canôa do «Berrio», que tambem estava inscrita, não correu.

4.ª classe — estavam inscritas as seguin-



LARGADA DAS CANÔAS DA PICADA

(Instantaneous Benoliel)

tes: «Elisa», proprietário sr. Pedro Franco (Restello); «Fidalga II», proprietário sr. João Aranha; «Salmonete», proprietário sr. Raul Gilman; «Carlos», proprietário sr. Carlos M. Brandão.

5.ª classe — premio unico, medalha de vermeil, «Funchalinho», do sr. D. Antonio de Heredia (Ribeira Brava), contra «Jean Marie», do sr. João Bregaro.

6.ª classe — primeiro premio, medalha de vermeil, «Marianna», do sr. Eduardo Perestrello de Vasconcelos; segundo, medalha de prata, «Catharina», do sr. Philippe de Vilhena; terceiro, medalha de prata, «Mimi», dos srs. Alvaro Gaya e Jara de Carvalho; quarto, medalha de bronze, «Esther», do sr. Joaquim Monteiro.

Canôas de picada os premios eram:

1.ª — 2508000 réis. Oferecido pelo sr. Henrique M. de Seixas, 1008000 réis; pelo Casino Português do Mont'Estoril, 1008000 réis; e pelo Club da Praia de Cascaes, 508000 réis. 2.ª — 1008000 réis. Oferecido pela Sociedade de Geografia, 508000 réis e pela Camara Municipal de Cascaes, 508000 réis. 3.ª — 508000 réis, oferecido pela sr.ª D. Ignacia de Barahona. 4.ª — 408000 réis, oferecido pela Associação Comercial de Lisboa.

Foram respectivamente ganhos pelas canôas «Zázá», dos srs. A. Marques da Silva e João Sardo, tendo por mestre João Sardo; «Flôr de Maria», proprietário e mestre Joaquim Laracha; «Gratidão», proprietário Antonio Carmo, mestre Ricardo Gomes; «Julia Bonita», proprietário Joaquim José d'Almeida, mestre Faustino Santos.



D. HELENA MAUPERRIN SANTOS

Yachts de 8 a 10 toneladas, ganhou o «Fatinza» do sr. Hans Wimmer sobre o «Indiana» do sr. Augusto Moniz. Premio unico oferecido pelo sr. Bernardino Ferreira dos Santos.

Yachts de 6 a 7,5 toneladas, ganharam por sua ordem «Guida» do sr. João Bissau, «Emilia» do sr. Bernardino Ferreira dos Santos, «Laura» do sr. Luiz Worn e «Maria do Carmo» do sr. Luiz Crespo.

Premios oferecidos respectivamente pelos srs. H. Wimmer, Carlos Bleck, Henrique Anjos e Real Associação Naval.

Yachts de 3 a 4 toneladas, ganharam «Chuilta» do sr. João Carlos Marques, «Mathilde» do sr. Vasco Almeida, «Desdemona» do sr. Carlos Abreu e «Ilda» do sr. José Faria.

Premios dos srs. Raul Gilman, Antonio M. Oliveira Bello, A. d'Abreu, João Garraio & C.ª e Real Associação Naval.

Corridas de remos outriggers de 4 remos (*senior*), ganhou os premios oferecidos pela Real Associação Naval, respectivamente: «Tejo», timoneiro: o sr. Luiz Rembado; remadores: voga n.º 4 sr. Albano dos Santos; 3 sr. Fernando Costa; 2 sr. Augusto Talone; 1 sr. José Serra.

Real Club Naval de Lisboa — «D. Manuel II», timoneiro: o sr. Vasco d'Almeida; remadores: voga n.º 4 sr. Albano dos Santos; 3 sr. Jorge Aldim; 2 sr. Rogerio d'Almeida; 1 sr. José Stropm. Ganhou o «D. Manuel II».

Pair-oars tripulados por socios do Real Club Naval:

Ganhou a «Alice» sobre a «Ave». O premio consistia em medalhas de prata oferecidas pelo Real Club Naval, e o percurso era de 1:000 metros. Eram assim tripuladas:

«Alice». Timoneiro: o sr. Lino Reis; remadores: os srs. Eugenio Telles e Henrique Telles.

«Ave». Timoneiro: o sr. Alvaro Alves; remadores: os srs. Carlos Magro e Geadas Junior. E' este em resumo o resultado das corridas,



D. MARIA DE GUELL Y BOURBON

que foi das melhores que se tem realizado na bahia de Cascaes.

No Sporting Club de Cascaes continuaram as diversões de desporto, que terminaram com um brilhante concurso hipico que se realizou no domingo, 17.

Nessas diversões a que concorreu a flôr da nossa sociedade elegante e aristocratica, realizaram-se varios jogos de desporto em que foram disputados premios por senhoras.

A sr.ª D. Maria de Guell y Bourbon foi a primeira classificada, com a sr.ª D. Maria da Luz de Paiva Raposo, no *gynkana* automobilista.

No jogo de *Tennis*, coube a victoria á sr.ª D. Angelica Plantier, que mais uma vez venceu no desporto nacional, em competencia com a sua temivel adversaria do *mixed doubles*, a gentilissima sr.ª D. Helena Mauperrin Santos, que lhe vendeu cara a victoria, tendo tido lances magnificos que arrebataram os aplausos dos espectadores de tão interessante torneio.

A distribuição dos premios teve lugar no domingo á noite no Sporting Club, seguindo-se um esplendido baile, com numerosa assistencia das



D. ANGELICA PLANTIER

mais distintas senhoras das colonias balneares de Cascaes, Estoril e praias proximas.

Ao baile assistiu S. A. o sr. Infante D. Affonso, que tambem presidiu á distribuição dos premios.

Encerraram-se com chave de ouro as festas de desporto, promovidas pelo Sporting Club, que deixaram saudosas recordações.

A casa submarina

por

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1108)

X

Prisioneiros na ilha

Corriamos pelo monte acima, como homens perseguidos e que desejam salvar a vida.

As raparigas agarraram nos saccos e nas cestas, disseram algumas palavras em voz baixa a Clair-de-Lune, e deitaram a correr tambem por ali abaixo até ao bungalow.

Nós fomos caminhando pelas rochas abruptas, e por enormes declives, bordejando verdadeiros abysmos, que causavam medo pela sua profundidade. O nosso guia Clair-de-Lune, parecia não ligar importancia áquelles obstaculos e seguia sempre, correndo na nossa frente, até que por fim chegamos ao ponto mais alto, por onde avançamos como cabras monezes.

Ali, n'um estreitissimo alpendre feito pela rocha e que deitava sobre o mar, o francez parou, e depois de descansar, disse:

— Companheiros, viagem terminada, tudo concluido! Estais aqui seguros e podeis descansar. Eu vou lá abaixo, visitar o amo, mas voltarei dentro em pouco, trazendo pão e carne.

Não julgo que a nenhum de nós ficasse alento para responder ao que elle dizia.

Aquelle sitio, aquella alpendrado sobre o mar, aquella reduzida e baixa gruta por detraz d'elle, occupavam n'esta occasião todo o nosso pensamento. Realmente, ali, podia um homem considerar-se seguro da perseguição dos seus semelhantes. Mas em que situação?

Tinhamos o mar na nossa frente, o mar por baixo de nós, o mar no longiquo horisonte.

De dia e de noite, o embate das ondas que vinham quebrar-se contra os rochedos, produzia um estrepido infernal a que o vento, entrando pelas aberturas da rocha, se juntava, com silvos atroadores.

Estavamos como se nos collocassem sobre a agulha d'um campanario de uma igreja, e nos deixassem ali abandonados na collisão de nos agarrarmos como pudéssemos ou cahirmos lá em baixo.

Cinco dias passamos n'aquella horrivel gruta, sem apartar a vista do mar nem um momento. Esquadrinhando silenciosamente o Oceano, suspirando pelo nosso barco, e embora nada dissessemos um aos outros, com respeito a este abandono, ia-se apoderando do nosso animo um mal-estar enorme que nos quebrantava as forças e nos punha de mau humor.

Tinhamos ido á ilha de Ken, com o proposito de auxiliar Ruth Bellenden, e o resultado da nossa aventura, estava agora visto: o barco que nos abandonava, e a ilha cheia de piratas que com muito gosto nos degollaria. Não podiamos sequer adivinhar como haviamos de fugir d'aquelle sitio maldito, e os alimentos a escassear cada vez mais, e naturalmente viariam a faltar de todo.

Que triste situação!

Tinhamos amigos, é verdade, que pela manhã e á noite nos vinham trazer comestiveis. Clair-de-Lune e as rapariguitas mais de uma vez nos mostraram a sua dedicacão, não só trazendo-nos soccorros, como dando-nos noticia do que se passava na ilha.

No quinto dia, porém, deixaram de appare-

cer e, pelo menos eu, calculei logo que nunca mais voltariam.

— Amigos — disse aos meus companheiros — ocorreu de duas coisas uma: ou espíriam os nossos amigos e os aprisionaram para não nos trazer auxilio, ou está chegada a tal época do somno de que tanto nos falaram. Tenho tanta confiança no francez, como se fosse meu irmão. Elle deve saber decerto o que podem esperar quatro homens, a quem se deixa abandonados n'uma caverna solitaria entre rochedos, sem comer nem beber. Se não vem hoje, é porque o não pôde fazer, ou porque o desterraram para outra parte.

Depois de pensarem maduramente sobre o que eu lhes dizia, Dally Venn tomou a palavra:

— Hontem á noite, durante a minha vigia, pareceu-me ouvir tocar um sino. Ao principio julguei que era imaginação minha, que seria o mar batendo n'algum cachopo, ou o vento rugindo entre os montes; mas deitei a escada e fui pelo monte abaixo, e então ouvi distinctamente o sino e vi luzes que brilhavam no recife que está lá ao longe, do lado do Norte. Andavam botes de lá para cá, tenho a certeza, mas o mais assombroso e do que não quizera falar, é que todo o mar, por baixo do recife, brilhava, com uma luz amarella, como se uma grande lanterna o estivesse illuminando por baixo d'agua. Pudia distinguir perfeitamente o vulto dos homens andando pelas rochas, e quando brilhou a lua, as figuras desapareceram como por encanto. Pode crer no que digo, capitão, porque não estava sonhando nem bebendo, e se Clair-de-Lune não vier esta noite, peço-lhe que venha commigo pelo monte abaixo, e verá com os seus proprios olhos se é verdade ou não o que acabo de contar.

Realmente parecia que o rapaz estava falando d'algum pesadelo que tivesse tido, mas sabendo quanto isto era contrario á sua maneira, de ser, não me admirei que os outros o escutassem religiosamente, e com a avidez que todos os marinheiros sentem por ouvirem e contarem contos phantasticos.

Eram supersticiosos como toda a gente do mar e o que Dally dizia, era mais do que sufficiente para excitar a sua imaginação, como se excita a imaginação das creanças com os contos de fadas. Se me tivesse falado n'aquellas coisas n'outra occasião, ter-lhe-ia perguntado se era somnambulo.

(Continúa.)

RICARDO DE SOUZA.

NECROLOGIA

Conselheiro José de Sousa Monteiro

Os jornaes de 13 do corrente davam a triste noticia de ter falecido em a noite de 11 para 12, o sr. conselheiro José de Sousa Monteiro, ao recolher a casa pouco depois da meia noite.

A morte surpreendeu-o repentinamente, como surpresa foi para muitos que leram aquella noticia inesperada e o tinham visto de dia no desempenho de suas funções no ministerio dos estrangeiros, em seu estado normal, sem que a idade

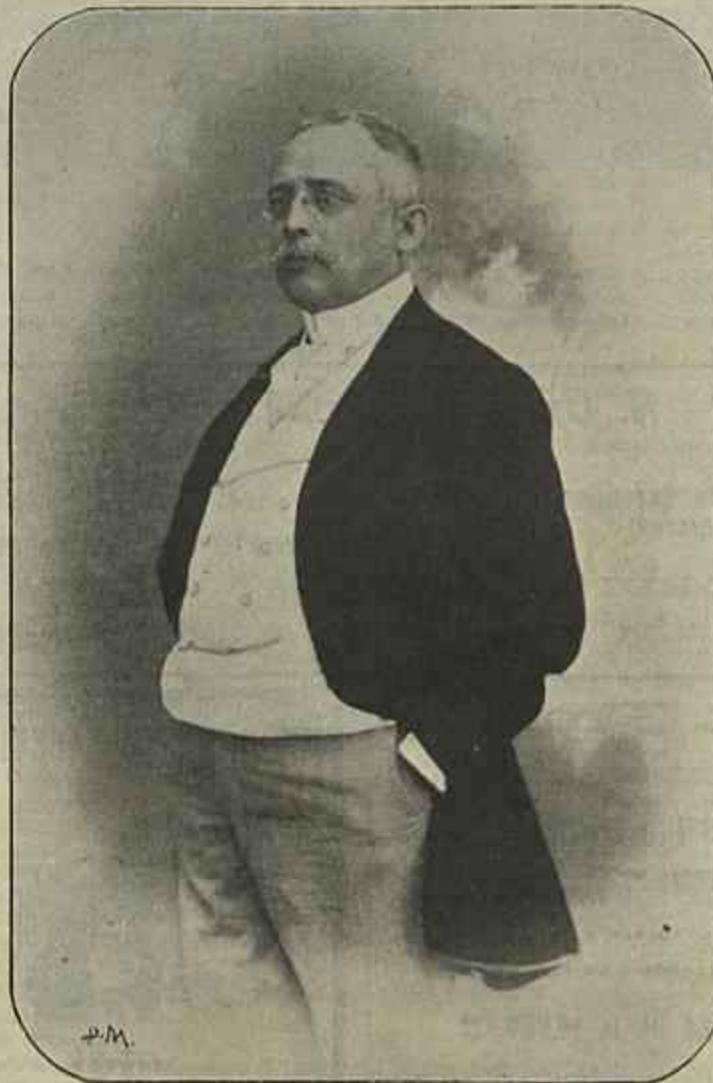
ou doença fizessem prevêr tão proximo termo de vida.

O sr. conselheiro José de Sousa Monteiro, contava 63 annos completos, pois nascera na cidade da Praia, do arquipelago de Cabo Verde, a 20 de agosto de 1846, sendo filho de José Maria de Sousa Monteiro, escritor muito conhecido que deixou trabalhos de valia.

Vindo para Lisboa muito novo, completou sua educação e preparatorios no collegio de Campolide, fazendo depois o curso superior de letras e o de diplomacia, que concluiu em 1870.

Em 1873 foi nomeado adido á legação portugueza, em Madrid, mas ficou fazendo serviço no gabinete do ministro dos estrangeiros, que era, então, Andrade Corvo. No anno seguinte foi promovido a 2.^o official e, em 1883, a 1.^o official e sub-diretor politico daquelle ministerio. Nesta qualidade foi encarregado de determinar e regular a jurisdicção consular nos portos de Levante.

Presidiu á comissão de permutações literarias



CONSELHEIRO JOSÉ DE SOUSA MONTEIRO

internacionaes, e mais tarde foi nomeado diretor geral dos negocios politicos com categoria de chefe de missão de primeira classe, logares em que se encontrava atualmente.

Como se vê, o sr. conselheiro José de Sousa Monteiro occupou e desempenhou altos cargos do funcionalismo official, mas não se distinguio só nestas funções, que exerceu superiormente, porque os seus trabalhos literarios distinguiram seu nome nas letras portuguezas.

Nellas se estreiou em 1883 com a publicação do seu primeiro livro *Sonetos*, de irreprezível metrificacção e engenho. A este primeiro livro segue-se *Poemas*, em que o poeta se transporta aos tempos biblicos e apresenta quadros, como o da Arca de Noé boiando sobre as aguas revoltas do diluvio universal.

O poeta prefere os assuntos que lhe inspira a sua firme crença religiosa.

Nos *Poemas antigos* descreve ainda cenas do paganismo, no *Cortejo de Baccho*, *A morte de Heitor* ou *A sesta de Lydia*, e a sua lira é sempre afinada e de delicado lavor. Publicou mais *O Padre Antonio Vieira e as suas cartas*, *Politica colonial de Affonso de Albuquerque*, tese para o

concurso de professor do Instituto Industrial, a que não foi admitido por lhe faltar um preparatorio, *A Asia*, *O commercio indiatico*, *A Heine*, *Poesias e poemas*, *D. Pedro o cru*, *cenas historicas*, *Valeria*, *Amores de Julia*, obra mais conhecida do publico.

Para o teatro escreveu tambem, principiando por uma comedia intitulada *Pelo perfume*, que se representou no teatro de D. Maria em 1883, *Em um cantinho da B-hemia*, *Morre e verás*. Adoptou á cena portugueza *Nariage force*, de Molière. Escreveu o *Auto dos esquecidos* para o Centenario da India o qual foi premiado no concurso aberto pela Sociedade de Geografia, e se representou por essa occasião no teatro de S. Carlos em recita de gala, e depois no teatro da Trindade.

Escreveu tambem uma peça em verso, *Ignês de Castro*, que não chegou a ser representada. Traduziu o *Falstaff*, representado em 1899 no teatro de D. Maria, sendo o papel de protagonista desempenhado por Augusto Mello; o *Pato bravo*, de Ibsen, sendo quem primeiro traduziu as obras deste autor em Portugal.

Na imprensa periodica colaborou no *Jornal do Comercio* em 1879, com artigos sobre o tratado luso-britânico da India; no *Jornal da Noite*, no *Atlantico*, no *Economista*, na *Gazeta de Portugal*, *Novidades* e no *Ocidente* que tambem honrou com sua colaboração, e onde foi publicado o elogio historico de Latino Coelho, lido na Academia Real das Ciencias em sessão solemne de 11 de dezembro de 1898.

Estava agora escrevendo um livro sobre o Marquez de Pombal para que tinha reunido bastantes elementos e ainda nos ultimos dias requisitara da Alemanha alguns livros sobre o estadista, para consultar.

O sr. Conselheiro José de Sousa Monteiro entrou para a Academia Real das Ciencias como socio correspondente em 1884. Passou depois a socio efetivo e era agora vice-secretario da secção literaria.

Fez o elogio historico de Latino Coelho, como acima ficou dito e, em 1905 leu á Academia em sessão comemorativa do Centenario de Cervantes uma memoria sobre o autor do *D. Quixote*. Além destes trabalhos academicos, outras memorias apresentou á Academia, sendo certo que foi um dos seus socios mais ativos.

Era tambem socio do Instituto de Coimbra.

Foi deputado ás côrtes nas legislaturas de 1879 e 1882 sendo nesta ultima, relator do projeto do tratado anglo-portuguez concernente á India.

O sr. José de Sousa Monteiro era gran cruz da ordem de S. Tiago, comendador de Carlos III de Espanha e de Leopoldo de Belgica.

O MEZ METEOROLOGICO

Setembro 1909

Barometro. — Max. altura 769^{mm},2 em 23.

Min. » 755^{mm},7 em 21.

Termometro. — Max. altura 33°,0 em 6.

Min. » 13°,4 em 9.

Temperatura elevada até 6. Nesse dia, a maxima, que era de 33°,0, desceu, em 7, a 22°,8; em 8, a 19°,8, e em 9, a 19°,0 (sendo esta ultima a maxima mais fraca observada em 9 de setembro, desde a fundação do observatorio). A diferença de temperatura notada em 24 horas, desde a maxima do dia 6 á minima do dia 7, foi de cerca de vinte gráus, abaixamento muito sensível para o nosso clima. A temperatura conservou-se sempre um pouco abaixo da normal, durante o resto do mez, excepto nos ultimos dias, a partir de 23, em que se notou uma ligeira subida (Max., em 24: 25°,5).

Chuva — 37^{mm},9 em 8 dias, sendo a chuva notada, em 18, de 21^{mm},0.

Nebulosidade. — Céu limpo ou pouco nublado 15 dias.

Nublado 15 dias.

Relampagos — Em 15.

Trovões. — Em 16.

Nevoeiro — Em 27 e 28.

PUBLICAÇÕES

Recebemos as seguintes que muito agradecemos:

Manual do charadista por Lucio Marcos — Parceria A. M. Pereira, livraria editora, Lisboa. Um volume de 224 paginas de formato pequeno. Este livrinho ensina a fazer toda a sorte de charadas, logogrifos, enigmas, etc. Com vista aos amadores do genero que são muitos.

O Rouxinol dos Almos. Novella do Minho, por Luiz Trigueiros — Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, Lisboa. — Um volume de 167 paginas em 8.º Consoante o subtítulo, *Novella do Minho*, é nessa pitoresca provincia que se passa a acção que muito naturalmente desliza pelas paginas do livro, com bom sabor português da vida provin-



UM ERMITERIO DE ALDEIA

ciana, que afinal conclue por casar o *Rouxinol dos Almos*, que é uma bela rapariga, muito cantadeira, mas a quem a paixão lhe emudecera o

trabalho dando conta de todo o movimento associativo, da frequencia das suas aulas, um dos fins mais importante d'esta sociedade.

canto. O sr. Luiz Trigueiros, afirma-se o novellista apreciavel, continuando com brio as tradições das novellas portuguezas de festejados autores que passaram, e que parecia não haver quem continuasse sua obra.

Almanack de Santo Antonio. Magalhães & Moniz, L.^{da}, editores, Porto. E' dos primeiros que aparece para 1910. Forma um volume de 400 paginas em 8.º, illustrado com muitas gravuras e variada colaboração litteraria interessante.

Atheneu Commercial de Lisboa—Relatorio e Contas da Direcção e parecer do conselho fiscal, gerencia de 1908-1909. Este relatorio é um bem elaborado

Atelier de Alfaiate—A. COUTO

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900



Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras



RUA DO LORETO

com entrada pela Rua da Emenda, 118; 1.º (à Praça Luiz de Camões) — LISBOA
TELEPHONE 1815

E. Santos & Freire

LISBOA

Camisaria, gravataria, luvaria e perfumarias

Roupas brancas para homens, senhoras e crianças, cama e mesa

Executam-se enxóvas para casamentos, baptisados e collegiaes

24, PRAÇA DE D. PEDRO, 25

Secção especial de commissões, consignações e negócios commerciaes a cargo do sócio Fernando Freire.

20, RUA DO PRINCIPE, 22

Deposito das afamadas rendas de Peniche

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Consultorio Dentario

Do Dr. Ferreira Pires

Diplomado em Philadelphia e Escola Medica de Lisboa

Extração dos dentes sem dor

Dentes artificiaes colocados sem placa

LISBOA — Rua Jardim do Regedor, 43, 1.º — LISBOA

SÓ NÃO TEM CABELLO E BARBA QUEM NÃO QUER

FAZEMOS NASCER:

Cabello aos calvos e barba aos sem ella em 20 a 24 dias

Garante-se que não é nocivo

Remette-se com toda a discreção



O genuino **MOOTCY** é o unico preparado para a barba e cabello que se produz, segundo as ultimas experiencias da sciencia e é provado que o genuino **MOOTCY** é o unico remedio que produz um tal effeito sobre as cellulas do cabello e as raizes da barba que crescem logo depois da applicação.

A milhares e milhares de pessoas temos com o nosso **MOOTCY** levado a felicidade. Homens notaveis e não notaveis, todos nos têm vindo pedir o nosso concurso. Em todos os paizes da Europa e America, em muitos logares d'Africa e d'Australia, é o nosso **MOOTCY** conhecido e apreciado. Póde-se por isso dizer, com verdade, que gosa de fama universal.

O preço para o **MOOTCY** é de 2553 réis por porção (uma porção chega perfeitamente). O pedido de duas porções, uma para a barba e outra para o cabello tem o preço especial de 4240 réis.

Com cada porção vae um certificado de garantia, pelo qual nos obrigamos a restituir o dinheiro recebido se o remedio não der resultado algum.

Se isto não fór verdade pagamos ao comprador

300\$000 réis (trezentos mil réis)

Para prevenção contra as imitações e falsos remedios fazemos notar que todos os pacotes têm escripta a palavra **MOOTCY**. — Envia-se diariamente para todas as partes, ainda as mais afastadas, com a explicação clara da maneira de ser usado e com o certificado de garantia em portuguez, contra pagamento adiantado ou pagamento pelo correlo no acto da entrega.

MOOTCY DEPOT, Holmens Kanal, 30, Kopenhaga, 131

O maior e o mais importante estabelecimento da especialidade na Europa. Responde-se a todas as perguntas vindo acompanhadas do respectivo porte para a resposta.

DEPOSITO EM PORTUGAL:

Ferreira & Ferreira, Successores

99, Rua da Prata, 101 — LISBOA